

CORREIO

## O cabo das tormentas

**Toda a crítica é elitista, afirmou recentemente Agustina. E eu esforço-me por lhe dar razão. Mas há quem pense que o crítico não passa de um vulgar vendedor de banha-da-cobra**

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O ARTIGO «SOU TODO OUVIDOS» SOLTOU A língua aos leitores. Saíram da casca do anónimo e agora arriscam-se a escrever: já não a pedir, mas a dar opinião.

O Zé Pedro, por exemplo, anda muito desconfiado com os «ouvidos de ouro» que alegam ouvir diferenças entre cabos, que, na prática, só são diferentes no preço: «Sou advogado e sei que as pessoas nem sempre dizem a verdade, ou tudo o que sabem».

Perdeu por isso a fé na imprensa especializada e nos «especialistas», mas deu-me, grande honra!, o benefício da dúvida (retribuo dando relevo especial ao seu e-mail) e pede-me que denuncie a conspiração do... som. Logo eu, que ainda recentemente escrevi aqui sobre os cabos para coluna Nordost Valhala que custam um milena o par:

«Por comparação, os outros cabos, que antes me soavam pouco menos que perfeitos, apresentam agora furtivos indícios auditivos (não mais que uma fugaz sensação de desconforto) de que apertam, limitam, restringem; numa palavra, comprimem, perturbando o débil equilíbrio da teia de harmónicos, que gravitam na órbita dos sons fundamentais, e deixando no ar apenas a sombra evanescente do que antes era um amplo e duradouro sorriso musical».

Será que isto se ouve mesmo ou não passa tudo de uma alucinação colectiva da tribo audiófila também dada à copofonia? Talvez seja a expressão de uma emoção. Porque muito do que se vende no mundo do áudio exige fé para justificar o preço. O ouvido humano é um dos sentidos mais fáceis de ludibriar. Se outra prova não existisse, o MP3 chegava. A credulidade humana não tem limites. Mas a fé é que nos salva, e só quem tem fé ascenderá ao Reino dos céus. Ser audiófilo é acreditar.

«Valhalla é o vestibulo do paraíso onde Odin, deus da mitologia nórdica, recebe a alma dos heróis mortos em combate finalmente liberta do corpo que a prendia».

É aqui que reside a diferença entre cabos: há os que prendem o som e os que lhe dão liberdade total para se exprimir. A liberdade do som não se atinge por decreto ou douto parecer do crítico, conquista-se, exerce-se, vive-se. É preciso experimentar.

Foi o que Zé Pedro fez. Usava cabos de 400 paus o metro e sugestionado por um vendedor (de banha-da-cobra?) comprou cabos de 10 contos o metro. Experimentou, fez testes cegos e não ouviu diferença nenhuma. Fui enganado?, pergunta-me. Seria o mesmo que ir com duas mulheres para a cama com uma venda nos olhos e fazer amor sucessivamente com ambas para escolher uma delas (as leitoras podem substituir mulher por homem para não me



chamarem porco chauvinista). As relações furtivas têm resultados fugazes. Primeiro o crítico tem de compreender o objecto da crítica, viver com ele, e só depois pode analisá-lo. É por isso que eu não concordo com os testes comparativos múltiplos feitos num fim-de-semana e muito menos com testes cegos. Cada aparelho, cada ser, é um caso. É preciso paciência e carinho. E todos os sentidos são necessários. É verdade: a primeira coisa que faço quando recebo um novo aparelho, é tocar-lhe, cheirá-lo e ficar ali a olhar para ele, a contemplá-lo.

Gosto também de afagar as colunas de som (as Sonus Faber têm a pele macia de um rabicho de bebé) e sei que podem soar mal com um amplificador e maravilhosamente bem com outro. E a sua colocação na sala não é uma ciência exacta. É empírica. Leva tempo. Passa-se o mesmo com os cabos.

É verdade que há cabos que são 5% técnica e 95% marketing. Compra-se cabo vulgar de cobre numa fábrica, cria-se um revestimento fantasista, um nome futurista, uma história tecnicista e um preço capitalista. É um pouco como os cosméticos, cuja relação eficácia/preço é suportada pela publicidade e, cá está, pela credulidade do consumidor. Mas lá porque se teve uma má experiência, não se deve generalizar. Costumo chamar aos cabos os «perfumes» do áudio. E são igualmente um negócio da Chi-

na. E é isso que quase todos fazem: perfumam o som com maior ou menor intensidade. Alguns ao ponto de se tomarem enjoativos. Quando o ideal seria que fossem completamente neutros. Ora, dois cabos neutros soam, por definição, iguais. Podia alegar-se que foi este o misterioso caso dos cabos do Zé Pedro. Mas duvido. Vejamos: a fonte utilizada foi um leitor-DVD/CD/MP3 Jocel (??) de 50 contos, segundo confessa corajosamente. Alguma chinesice com um amplificador operacional no andar de saída tão rasca que o som já sai à nascença de «olhos-em-bico». A partir daqui nem os melhores cabos do mundo fariam qualquer diferença: «garbage in garbage out».

Caro Zé Pedro, já que tem um amplificador AMC, experimente ouvir os seus CD reproduzidos por um leitor-CD AMC com andar de saída a válvulas. Já ouve diferenças? O disco parece outro, hã?

A minha experiência diz-me que os cabos de coluna multifilares entrançados têm tendência para ganhar grão no agudo à medida que oxidam; os cabos unifilares múltiplos com isolamento fio a fio têm problemas de linearidade devido à impossibilidade de manter uma geometria estável ao longo do cabo; daí que a opção por cabos unifilares múltiplos espaçados com isolamento independente e geometria plana invariável (tipo fita) me pareça a mais adequada. Depois, é o tempero entre a baixa resistência e indutância do cabo, de forma a manter a atenuação constante independentemente da frequência, desde que a capacidade esteja dentro de parâmetros racionais. Finalmente, um dieléctrico (revestimento) que não absorva energia provocando arrastamento e desvio de fase. E muita fé.

Mas um bom revendedor deve vender sempre os cabos na base da experimentação: o cliente leva uma amostra e se não gostar não compra. Eu se fosse a si, devolvia-os. Porque, enquanto nos «interconnects» a relação entre a impedância de saída da fonte (o leitor-CD, por exemplo) e a capacidade do cabo pode criar um efeito de filtro passa baixas (atenuando o agudo); nos cabos de coluna os resultados dependem muito da impedância de saída do amplificador e dos parâmetros eléctricos dos filtros da coluna. Mas esqueça este palavões técnicos. Tal como no amor, na reprodução musical dois e dois raramente são quatro. Mais vale experimentá-lo que julgá-lo.

E, na Justiça, dois e dois são sempre quatro? Olhe que não, Doutor, olhe que não... ■